

APROFUNDAMENTO DA FICHA 5

5. Naqueles olhos tinha visto quem era Deus

Para aprofundar o tema da Escola de Comunidade desta semana, propomos dois trechos: o primeiro é tirado da Carta Apostólica Misericordia et misera, de Papa Francisco, publicada como conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia; o segundo é retirado da Assembleia com padre Julián Carrón durante a Equipe dos Colegiais (Cervínia, 3 de setembro de 2016). São duas provocações para aprofundar a origem daquele olhar que alcançou também a nós.

Papa Francisco, Carta Apostólica Misericordia et misera*

Encontraram-se uma mulher e Jesus: ela, adúltera e – segundo a Lei – julgada passível de lapidação; Ele que, com a sua pregação e o dom total de Si mesmo que O levará até à cruz, reconduziu a lei mosaica ao seu intento originário genuíno. No centro, não temos a lei e a justiça legal, mas o amor de Deus, que sabe ler no coração de cada pessoa incluindo o seu desejo mais oculto e que deve ter a primazia sobre tudo. Entretanto, nesta narração evangélica, não se encontram o pecado e o juízo em abstrato, mas uma pecadora e o Salvador. Jesus fixou nos olhos aquela mulher e leu no seu coração: lá encontrou o desejo de ser compreendida, perdoada e libertada. A miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora. [...]

Aliás Jesus ensinara-o claramente quando, em casa dum fariseu que O convidara para almoçar, se aproximou d’Ele uma mulher conhecida por todos como pecadora (cf. Lc 7, 36-50). Esta ungiu com perfume os pés de Jesus, banhara-os com as suas lágrimas e enxugara-os com os seus cabelos (cf. 7, 37-38). À reação escandalizada do fariseu, Jesus retorquiu: «São perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa, pouco ama» (7, 47).

Quanta alegria brotou no coração destas duas mulheres: a adúltera e a pecadora! O perdão fê-las sentirem-se, finalmente, livres e felizes como nunca antes. As lágrimas da vergonha e do sofrimento transformaram-se no sorriso de quem sabe que é amado.

Da Assembleia com Julián Carrón durante a Equipe dos Colegiais**

Queria contar um fato que aconteceu na caritativa, onde ajudamos os meninos do centro paroquial a estudar. Começamos este ano, então não conhecíamos o lugar e tudo o mais. O centro é frequentado por garotos de todas as idades, dos cinco aos vinte anos, com os quais estudamos. Uma vez eu estava descendo para o parquinho a fim de buscar os meninos para estudar junto com eles, e havia alguns garotos um pouquinho mais velhos. Eles me para- »

* Papa Francisco, Carta Apostólica Misericordia et misera.

** Anotações da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Colegiais, Cervínia, 3 de setembro de 2016.

» ram nas escadas porque são meio bagunceiros, queriam brigar, mas eu não. Assim lhes disse: “Estou aqui porque quero apenas ajudar os meninos. Não estou aqui para brigar”. Foi estranho, porque para mim sempre foi mais fácil responder: a quem nos trata com violência respondemos com violência, é mais fácil, ao menos para mim sempre foi um pouquinho mais fácil. Porém naquele momento fiquei parado diante deles, que...

Julián Carrón. Por quê? Porque tinha perdido a energia, porque tinha perdido “as atribuições” ou por qualquer outro motivo.

Não, não, não.

Por que ficou parado?

Eu pensava na Violaine, não reagi pelas crianças, queria estar lá para eles e não para brigar, mesmo porque a motivação deles era insignificante, de fato diziam que eu tinha olhado torto para eles. Basicamente é inútil, de qualquer forma. E mesmo depois que insistiram, quando ficaram violentos, eu fiquei parado até que chegaram duas meninas...

De onde nasce essa firmeza? Não quero que você perca o significado do que está dizendo. É o mesmo da esterilidade de antes. De onde nasce? Porque vê em si mesmo algo diferente; você normalmente é assim?

Não.

Normalmente reage ou fica parado?

Reajo, normalmente.

Reage bem! Não são “as atribuições” que lhe faltam! Então por que ficou parado?

Basicamente ainda é uma pergunta aberta. Depois que aconteceu esse fato, chegaram duas meninas que entrevistaram e nos dividiram. Depois fui embora junto com a responsável da nossa caritativa, me pôs no carro e me levou para casa. Eu estava passando por uma grande dificuldade, porque a raiva, o responder sempre foi um ponto difícil que sempre tentei eliminar; todos, inclusive a minha família, sempre me disseram que é um ponto que não era bom. E sempre me fizeram olhar para ele como o ponto negativo, que deve ser eliminado, que se deve eliminar porque é horrível, e então eu também o via assim. E, mesmo ficando parado, a raiva continuava.

É justamente isso que quero te ajudar a entender.

Chegando em casa, estavam Antonella e meu irmão. No passado sempre notei que, quando ficava irritado, tanto meu irmão quanto meus pais, que são os que mais me conhecem, nunca se permitiram ficar comigo: talvez fingiam que nada estava acontecendo, ou então iam embora e eu ficava lá “assim”, eu lidava sozinho com a raiva. Naquele dia, porém, cheguei e Antonella me olhou, me abraçou e depois me pediu que lhe contasse o que tinha acontecido, tudo. Conteí, e depois me disse: “Próxima sexta-feira volte lá para fazer caritativa”. Eu não queria, porque pensava: “Veio à tona esse meu ponto que odeio, e não quero que reaconteça, que saia de novo”. Mas ela me olhou e me disse: “Você volte lá”. No começo me incomodava um pouco, porque não queria, mas depois pensei: “Olhe como está arriscando”, não estava me dizendo o que eu gostaria que me tivessem dito: “Sim, tranquilo, isso aconteceu, vamos resolver, volte para a caritativa que você fazia antes”. Eu via que estava apostando tudo, estava arriscando dizendo-me: “Vá ali”, porque eu podia voltar ou poderia ter dito: “Você está dizendo o que não quero fazer, e eu não vou”. Mas naquele momento eu me senti olhado não apenas pelo que queria que ela olhasse, mas por tudo, também por aquilo que eu não quero olhar, a minha raiva, que me incomoda, que não quero. Depois de algumas semanas, voltei para a caritativa, e era difícil, porque toda vez há um certo medo de que aquela coisa reaconteça. Porém, mal cheguei, havia crianças me esperando, e isso me marcou, porque no fim não é que você vai trabalhar de muito boa vontade, de toda forma as crianças não querem estudar e então te acham até antipático, você não fica lá muito satisfeito; mas eu cheguei e as crianças me esperavam, e então o medo, a dificuldade, o fato »

» *de que pudesse voltar aquela raiva passaram quase para o segundo plano; eu queria ir encontrá-los todas as sextas-feiras que me esperavam. E também quando, depois, eu encontrava aqueles garotos – porque se viam por aí, não é que nunca mais os vi – era uma ocasião para fazer memória do dia da caritativa em que tinha acontecido aquilo que aconteceu um ano atrás, mas da qual me lembro todos os dias.*

E o que ficou na sua memória daquele dia?

O fato de Antonella ou o meu irmão, com o qual sempre tive uma relação meio assim, terem estado lá, terem me olhado e tenham olhado para o único ponto que nem mesmo eu quero olhar.

E o que permite que eles olhem para o que você não quer olhar? O que você acha? Eles são estúpidos, não entendem bem o que você olha e por isso não sentem todo o ódio que você sente frente à sua raiva? Por que eles podem olhar para a coisa que você não consegue olhar devido ao ódio que lhe provoca? O que eles veem que você não vê? Porque são bons? “São bons, mas estúpidos, porque não veem o que eu vejo, porque se vissem não poderiam não sentir todo o ódio que eu sinto”. O que eles veem que você não vê? O que permite que eles vejam?

Depois que isso aconteceu, nasceu uma relação de amizade com Antonella; antes já existia, mas...

Não pule os passos. Porque nasce a amizade com ela? A amizade nasce se você entende porque ela consegue olhar para aquilo que você não consegue olhar. E é justamente porque ela pode olhar para isso que você também, em algum momento, pode olhar. Você deve começar a olhar para si mesmo como Antonella olha para você. Comece a olhar para si pouco a pouco assim, e da próxima vez me diga por quê, o que aconteceu, se descobriu algo mais de por que ela consegue olhar assim para você. Ela não tem nenhum problema em olhar para tudo, que é o que você também gostaria de fazer: você não quer olhar para muitas coisas que te disturbam; você gostaria de arrancar a raiva de si mesmo. No entanto você está diante de alguém que pode olhar para tudo, e descobre que com ele ou com ela pode olhar para tudo. Nós encontramos alguém com quem se pode olhar para tudo sem censurar nada. Porque, se você censura, depois carrega consigo todo o peso daquilo para o qual não pode olhar. Mas você pode olhar para tudo, para se reconciliar com tudo. Por que São Pedro pode olhar para tudo? Você não fez nada em comparação com o que Pedro fez, ele até negou Jesus diante de todos, ele O renegou: “Não conheço esse homem” (Mt 26,72-74). Entrou na história Alguém que, enquanto Pedro estava todo preocupado – “O que vai me dizer agora, vai me repreender” –, em vez de repreendê-lo, olhou para ele sem censurar nada; sabendo o que tinha feito, lhe pergunta: “Tu me amas?” (Jo 21,16). Entende de onde nasce a amizade de Pedro com Jesus? Do mesmo modo como nasceu a sua amizade com Antonella: de alguém que olha para você como Jesus olhou para Pedro, que o tinha traído. Jesus lhe dá alguém como Antonella para te fazer descobrir o que é capaz de despertar uma amizade assim. E para que é tão importante alguém assim? Para que, sendo coitados e cheios de coisas que não queremos olhar, possamos entender que tipo de necessidade temos de alguém que não tenha medo de olhar para tudo. Sem isto, não poderíamos ser amigos, porque sempre há algo que não queremos olhar. Por isso, se Jesus não tivesse olhado para tudo de nós, não poderíamos ser Seus amigos, porque sempre haveria algo do qual nos envergonharíamos. Com Ele podemos olhar para tudo.